REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 729

30 DE MARÇO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRISTO — *Quadro de Bernardino Luini* — EXISTENTE NA ACADEMIA DE BELLAS ARTES DE LISBOA

CHRONICA OCCIDENTAL

Não quer o inverno ficar-se atraz do verão em despedidas. Tem este os seus chrysanthemos, que enchem os canteiros dos jardins das formas e côres mais variadas; tem aquelle as arias e cavatinas, os dós de peito dos tenores e os trilos das prima-donas.

Foi uma serie enorme de beneficios, a que generosamente concorreram os artistas estrangeiros que se achavam em Lisboa. N'elles disseram adeus ao publico. Muitos, que mais applaudidos foram, disseram-lhe *até mais ver*.

Os artistas portuguezes coadjuvaram brilhantemente os seus collegas.

Não devemos deixar de mencionar tambem o academico Silva que recitou uma patriotica poesia, *A Bandeira*, no beneficio dos atiradores civis, por maneira digna da melhor nota para um simples amador.

Mas quem obteve os maiores triumphos na successão d'essas festas foi sem contestação a insigne cantora Eva Tetrazzini.

Ha já muitos annos que o publico de Lisboa a conhece e todo o enthusiasmo, com que a festejou na sua estreia em S. Carlos, ainda não empallideceu um só momento.

Artista de grande malleabilidade e de vastissimos recursos é variadissimo o seu repertorio.

Escriptas andam e por muito tempo ficarão famosas as luctas entre pasquistas e de-resquistas, que tão bons lucros deram ao theatro de S. Carlos na epoca de 1882 a 1883. Passados annos a Pasqua voltou a Lisboa, na mesma epoca em que se estreiou a Tetrazzini. Na primeira noite em que a contralto, que nos enthusiasmára havia annos, se apresentou novamente, estavam os pasquistas todos a postos. Cantava-se a *Gioconda*. Chegou o duetto e todos os espectadores da platéa n'um bravo unisono acclamaram as primeiras frazes da Pasqua, cantadas com aquella energia, que era seu melhor dote. Começou a Tetrazzini respondendo-lhe. Foi um delirio, foi uma acclamação unica de que ainda todas as memorias devem guardar o ecco. Nunca em theatro houve tamanha victoria.

O Assis de Carvalho, furioso, applaudia como doido. Elle fôra o mais ardente dos pasquistas, e até por questões theatraes chegára a trocar duas balas com um enthusiasta da De-Reské. O que o levára ao theatro fôra simplesmente a Pasqua, fôra a recordação de velhos triumphos que desejava renovar. Parecia-lhe aquella ovação á Tetrazzini uma offensa ao idolo, em cujo altar unico se devia queimar todo o incenso. «Isto não se faz!» exclamava. E, como um energumeno, torcia-se na cadeira e dava cabo das luvas.

—Esta Tetrazzini!... dizia elle ás vezes. Não é boa pessoa. Sabe que canta bem e vai d'ahi... faz toda a diligencia para agradar!

E punha-se em pé e começava a applaudir... desesperado!

Um antigo official de D. Pedro IV, fallecido ha poucos annos, passára a maior parte da vida odiando o systema republicano. Dera o sangue pela liberdade e achava que a realisação do ideal fôra a outhorga da carta. Um republicano era para elle um revolucionario estupido ou sem consciencia. Proclamou-se a republica em França e elle começou pouco a pouco a convencer-se de que o systema não tinha tal todos os perigos que imaginava. Mas o odio crescia por isso mesmo.

«Tomára já que aquella republica acabasse, dizia ás vezes. Está dando um pessimo exemplo!»

O Assis de Carvalho assim estava com a Tetrazzini. Não lhe perdoava.

Terça feira cantou-nos o seu ultimo fado. Os collegas ha muito que bateram azas. Fechou o theatro de S. Carlos, o que quer dizer acabou-se a epoca de inverno.

Mas não foi só o theatro lyrico nem esses beneficios extraordinarios realisados no theatro D. Amelia que tiveram o previlegio de atrahir a attenção publica. O theatro de D. Maria, que já chamára a concorrencia com a comedia de Marcellino de Mesquita *Secias e Peraltas*, pôz em scena o *Falstaff* de José de Sousa Monteiro, que a critica classificou como obra prima de litteratura, o que, aliás, tinha de ser.

Sousa Monteiro, um academico dos mais distinctos, sabe quanto *noblesse oblige*.

Maria Guerrero, a famosa actriz hespanhola, que, ainda ha pouco, em Paris recebeu a mais eloquente das consagrações, deve estreiar-se no theatro D. Amelia, sabbado de alleluia, com a representação da afamada comedia classica *La Niña Boba*.

Vamos finalmente applaudir a interprete das melhores obras de Calderon, de Lopo de Vega, de Tirzo de Molina, de Guimerá e de Echegaray.

Realmente muito devemos á empreza do theatro D. Amelia. Faz agora um anno estava entre nós essa extraordinaria mulher, *a divina* Duse, como lhe chamam. Depois d'ella veio Novelli com o seu vastissimo repertorio. Temos agora a Maria Guerrero, a interprete enthusiastica dos velhos classicos hespanhoes, a quem tanto e tanto devem os progressos do theatro. E tudo em menos d'um anno, é caso para felicitar a empreza intelligente e felicitar-nos com ella.

Mas os theatros vão agora fechar por uns dias, dias solemnes, dias que devem ser de recolhimento, em que os pensamentos devem fixar-se em assumptos mais graves, os corações commoverem-se com um drama sem par em sua realidade historica.

Entrámos na semana santa. Queimam-se centenas de lumes nos altares; sóbe o incenso em volutas, docemente como as preces; perfumam-se as egrejas com rosmaninho.

É particular d'estes dias o aspecto da cidade.

Para a visita das egrejas enchem-se as ruas de gente. Ranchos passam devagarinho, percorrem os passeios. O vento agita brandamente a cortina encarnada ás portas das egrejas, onde o orgão geme, onde se cantam lamentações. Um cheiro especial de cera queimada, de incenso, de rosmaninho, de flores de quaresma, espalha-se pela cidade inteira levando aos mais distrahidos a memoria do tempo, da annual consagração.

Passou-se o domingo de Ramos, distribuiram-se as palmas, commemorou-se a entrada triumphal de Jesus em Jerusalem.

Agora trevas! Leram os padres na egreja a paixão de S. Lucas, o mais pungente dos dramas, escripto por quem ainda não teve imitador.

Paginas commoventes, genialmente escriptas são essas. Nada pode comparar-se á simplicidade dramatica d'essas linhas em que o evangelista superiormente inspirado nos descreve a negação de S. Pedro.

«Prendendo logo a Jesus, o levaram a casa do Summo Pontifice. E Pedro o ia seguindo de longe.

«E tendo-se accendido fogo no meio do pateo, e sentando-se todos em roda, estava Pedro no meio d'elles.

«Então uma escrava, que o viu sentado ao lume, depois de encarar bem n'elle, disse: Este tambem era da companhia d'aquelle homem.

«Mas Pedro o negou dizendo: Mulher, eu não o conheço.

«E d'ahi a pouco, vendo o outro, disse-lhe: Tu tambem és dos taes. Ao que Pedro respondeu: Homem, não o sou.

«E, tendo-se passado o intervallo quasi de uma hora, affirmava outro o mesmo, dizendo: Certamente que este tambem estava com elle, pois que tambem é galileu.

«E Pedro lhe respondeu: Homem eu não sei que é o que tu dizes. E no mesmo ponto, quando elle ainda falava, cantou o gallo.

«E voltando-se o Senhor, poz os olhos em Pedro. E Pedro se lembrou da palavra do Senhor, como lhe havia dito: Antes que o gallo cante, me negarás tres vezes.

«E tendo sahido para fóra, chorou Pedro amargamente.»

Pedro era um santo e como tal tinha o dom das lagrimas. Assim pudessem chorar todos os que teem negado a Christo.

Morte e paixão do Senhor se commemoram n'esta epoca. O Evangelho deve ser a nossa leitura, cada linha do Novo Testamento a nossa meditação.

Breve os sinos vão tocar alegremente e atirar para o azul scintillante do explendido abril girandolas de notas festivas.

Alleluia! Alleluia!

E o alegre repicar irá encontrar voando na tepidez do ar mansissimo milhares de passaros trinando seus amores e as andorinhas rapidas na azafama da construcção dos ninhos. Tudo é alegria, a cidade acorda para a vida.

Alleluia! Alleluia!

A primavera está decididamente comnosco, d'esta vez a valer, sem que nos mostre desejos de nos pregar nova peça. Já não é um sorriso do sol, meio occulto entre as nuvens, é o riso aberto das folhinhas verdes nas hastes finissimas, das flores plenamente desabrochadas, de todos os ninhos á beira dos telhados.

Alleluia! vão em breve cantar os padres no altar; mas ha já muitos dias que o céo e a terra nos cantaram: Alleluia!

É o tempo dos artistas, que vão por ahi fóra em busca de paisagens que fixem nas telas. Vão com elles os poetas embebedarem-se com os perfumes das violetas nas covas sombrias de Cintra, os musicos aprenderem a cantar com as cotovias, as calhandras e os coxixos.

Inspirações não faltam, nem sempre minguam as obras d'arte.

Depois da abertura da exposição de quadros no velho convento de S. Francisco, uma outra, que é, alem do mais, uma promessa de grande exito para uma nova industria, atrahiu a curiosidade de quantos amam a arte, a attenção de quantos por ella de todo o coração se interessam.

Na livraria Gomes, ao Chiado, tivemos occasião para admirar os trabalhos de rendas feitos sob a direcção d'uma artista eximia, a sr.ª D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro.

São poemas bellissimos, graciosos, elegantes, inspirados no que ha de mais nacional. A fauna e a flora portugueza e, melhor ainda, as antigas manifestações de arte decorativa essencialmente nossa, deram assumpto áquelles caprichosos desenhos, verdadeiro encanto para os olhos.

Mas ainda estamos na semana santa, só baixinho podemos cantar: alleluia!

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

CHRISTO

Quadro de Bernardino Luini

O quadro que reproduzimos em gravura, na primeira pagina d'este numero, e que existe na Academia de Bellas Artes de Lisboa, é uma das admiraveis obras de Bernardino Luini, pintor italiano do seculo XVI, pertencente á brilhante pleiade dos Verrochio, Ferrari, Melzi, Bazzi e Salaino, de que Leonardo de Vinci foi o grande mestre.

Luini parece que seguiu muito de perto o estylo do mestre e tanto que algumas de suas obras, onde se conta o quadro que aqui reproduzimos, se confundem com as de Leonardo de Vinci.

Entretanto não se pense que Luini era apenas um imitador, porque nos seus quadros, e muito especialmente nos seus frescos, que se vêem por muitos templos da Italia, as suas obras revelam talento e individualidade.

Dizem os seus biographos que Luini se apaixonou por uma mulher e que por ella se batera matando o seu rival.

Este tragico caso determinou uma revolução na vida do artista e Bernardino Luini, refugiou-se em o convento franciscano de Lugano onde pintou o seu bello fresco das *Tres Cruzes*.

Ali falleceu Luini, por 1531, e, segundo parece, deixou dois filhos a quem ensinou tambem a pintura, mas cujas obras, se alguma cousa fizeram, não conseguiram notabilisar-se.

DESCIMENTO DA CRUZ

Quadro de Paulo Rubens

Tinha-se consummado a grande tragedia do Calvario; o filho de Deus homem morria n'uma cruz para redimir a humanidade.

Chegara a sexta hora e o horizonte escureceu como se um denso veu negro se estendesse por todo o ceu occultando a luz dos astros, até á hora nona.

Então Jesus exclamou aquellas memoraveis palavras: «Meu Deus por que me desamparaes.» E um dos phariseus levou-lhe aos labios uma esponja ensopada em vinagre.

Mas Jesus soltando um grande suspiro, expirou!

A terra estremeceu e ergueram-se as campas; o clarão dos relampagos fendeu as trevas que envolviam o ceu; o medo, o terror apoderaram-se dos algozes de Jesus; a fé mais se alentou nos seus discipulos.

E' José de Arimathea que corre a casa de Pilatos a rogar-lhe que o deixe sepultar o corpo de

Jesus, e deferido o rogo, volta ao Calvario onde, com Nicodemos e outros homens descem da cruz o cadaver de Jesus Christo. Ali estava Maria Santissima, a Mater Dolorosa, o discipulo amado, S. João e Magdalena.

E' este o assumpto do quadro de Paulo Rubens, que tambem pintou outro, o elevamento da cruz, que faz pendan com o descimento, e que ambos existem na cathedral de Anvers.

O CALVARIO

Esboço de Sequeira

E' um esboço que valle por um quadro, tanto é o talento de o artista que o fez.

Os grandes mestres da pintura tem encontrado nas paginas da historia Sagrada motivo para seus quadros, para tantas obras primas que se guardam nos templos e nos museus de pintura.

Domingos Sequeira, o grande pintor portuguez, tambem se inspirou n'aquellas paginas e começou a deliniar quatro quadros: *Ascenção, Adoração dos Magos, Juizo Final* e *O Calvario*. A morte não deixou o artista avançar em sua obra e planos, e Sequeira apenas poude legar os cartões em que fez o esboço dos quadros e que se guardam no Museu Nacional de Bellas Artes.

O TENOR FERDINAND DE LUCIA

Entre os cantores que n'esta epoca lyrica, mais se notabilisaram na sala de S. Carlos, o tenor De Lucia foi o que mais enthusiasmo despertou ás plateias, com a sua bella voz e methodo de canto, que exprime todo o sentimento da acção que representa.

Assim se manifestou na primeira noite em que, n'aquelle theatro cantou a *Cavallaria Rusticana*.

Os applausos romperam expontaneos de todos os lados da sala quando De Lucia terminou o primeiro trecho, antes de entrar em scena, esse enthusiasmo redobrou no brinde em que o artista melhor podia brilhar mostrando os recursos da sua bella voz e da sua arte.

Desde aquella noite De Lucia conquistou o agrado da plateia de S. Carlos, em geral tão má de contentar. O seu triumpho era uma realidade, n'aquella sala onde se tinham feito ouvir Tamagno, Masini e tantos outros tenores notaveis.

Na *Bohème*, em que fez a parte de Rodolpho, deu todo o sentimento á bella partitura de Puccini, a opera mais sentimental e dramatica do repertorio moderno.

De Lucia satisfez de modo superior a todas as exigencias do seu papel e o seu desempenho ficará memoravel nos annaes do theatro de S. Carlos.

A RELIGIÃO DA CRUZ

«La pensée du Père céleste est inséparable de celle de ses enfants Dans le monde chrétien, l'adoration ne doit monter au ciel que pour redescendre en bienfaits qui se répandent sur la terre.»

ERNEST NAVILLE

Um dia, justamente no momento em que os romanos attingiam o suprêmo grau de importancia social no mundo antigo, teve logar n'um tugurio miseravel da Palestina uma scêna simplicissima na apparencia, e todavia, já assignaláda antecipadamente pelos prophetas de Israel.

O carpinteiro José foi então pae putativo do infante que Maria, de Nazareth deu á luz no presepio de Bethlem.

Tinham emprehendido viagem semelhante, em taes circumstancias, como subditos obedientes que eram do Cesar que pretendia conhecer o numero de corpos humanos que constituiam propriedade sua.

Aquelle menino chamou-se Jesus.

Para livral-o da morte, decretada recentemente por Herodes, contra as creanças recem-nascidas do sexo masculino partiram com elle para o Egypto, sua Mãe e José.

Salvo por este modo dos sicarios do homicida, evidencêa-se aos doze annos em Jerusalem pela maneira assombrante e despretenciosa como discute no templo com os doutores, aos quaes refuta irrespondivelmente todos os argumentos.

Mais tarde, quando homem, approxima-se das multidões, dirige-lhes palavras reveladoras da maxima ternura e da maior sinceridade, pinta-lhes em parabolas palpaveis aos espiritos mais rudes toda a sublimidade que encerra a pureza d'uma vida orientada pelo bem, revela-lhes o segredo mysterioso da felicidade intima do justo em cuja sentimentalidade mystica se aninha purificado o amor divino.

Tal derivava a sua existencia de apostolo venerando da eterna verdade, e de exemplo vivo e constante de pratica da virtude.

Multiplicavam-se os prodigios em tôrno da sua figura inconfundivel, e era voz publica e corria de gente a gente a fama do seu nome.

Ciumes de invejosos e calumnias de infames urdiram intrigas e forjaram accusações falsas contra Jesus.

Austero e escrupuloso observador das leis e preceitos vigentes, alma serena e limpida como a luz das auroras, respondia com humildade exemplar aos maximos improperios da gentalha hypocrita que o odiava.

Não podiam negar-lhe estranha origem e auctoridade superior, aquelles dos seus inimigos que haviam presenciado alguma das maravilhas com que a natureza submissa, testemunhára deslumbrante e authenticamente o effeito dominador da sua palavra.

Por outro lado, nenhuma tentativa maliciosa, nenhum embuste satanico desviavam do seu ministerio leal e desinteressado o ente de vida immaculada que fazia consistir unicamente na doutrina do amor e do perdão, todo o cogitar do seu espirito, toda a efficacia inexgotavel das suas faculdades, toda a santidade inviolavel das suas aspirações.

Viam-se vencidos nas maquinações perfidas pelo homem do povo, de expressão insinuante, de phrase communicativa, que abençoava sem distincção e afagava as creancinhas com solicitude carinhosa.

Pensaram nos meios seguros de havel-o ás mãos sem responsabilidades sérias, e de anniquilar com o desapparecimento da sua pessoa o fulgor intenso da sua obra.

Para isso, e para que não falhasse o plano infernal que haviam concebido, attento o seu estado de dependencia politica, conseguiram fazer intervir os romanos no processo de Jesus a pretexto de que elle era revolucionario e até se intitulára rei.

Assim movida e disposta a vil intriga, encontraram um discipulo de alma negra como a treva profunda, que se prestou por trinta dinheiros a entregar-lhes o Mestre.

No intuito de se tornar impossivel qualquer engano, ficou assente que aquelle em cujas faces Judas désse um beijo, esse, era Jesus.

Um beijo! a fina flôr do sentimento maternal porque a alma do adulto se transmuda na da creança; a delicia summa entre dois castos esposos que sellam na rapidez d'um momento todo o nobre affecto que se dedicam e todas as bellas esperanças de que são alimentados; o signal por excellencia nos labios pudibundos da donzella que tributa adoração intima ao Deus de misericordia e oscúla com respeito a ara sacro-santa; um beijo! e foi por este meio, que um ingrato convicto, manchou para todo o sempre a sua memoria, condemnada justamente pelo anathema das gerações.

Depois de preso, Jesus foi conduzido á presença de magistrados maus ou cobardes, que, não obstante reconhecerem a sua innocencia, o sentenciaram á morte dos escravos.

Pregado no madeiro ignominioso e erguido no Calvario, ahi expirou diante das turbas ensandecidas, sobre as quaes soltou a magica palavra que ha de acompanhar a humanidade até á consummação dos seculos: «Pae, perdoae-lhes; não sabem o que fazem!»

Titulo gloriosissimo na hora da dôr angustiosa da sua paixão, refulge esplendido como a sua propria Divindade e acaba de fundar na terra a Religião da Cruz.

D. Francisco de Noronha.

DR. SIMÕES DIAS

Do nosso querido amigo e collega Silva Pereira, recebemos a seguinte carta a respeito do fallecido poeta das *Peninsulares*.

Presado amigo Caetano Alberto. — Simões Dias foi um grande poeta e o seu nome hade ficar eternisado — como muito bem dizes.

É por isso que convem não esquecer a seu respeito qualquer particularidade biographica.

No ultimo numero do OCCIDENTE acabo de ver o retrato de Simões Dias e lêr os dois artigos que o acompanham: um, pequenino e scintillante como são as gemmas preciosas — é escripto por Candido de Figueiredo; outro o teu, contém em breves linhas um ligeiro esboço biographico do poeta.

Permitte-me porém que accrescente alguma cousa a essas breves linhas porque julgo que todos devemos cooperar para bem esclarecer todas as particularidades da vida d'esse homem de extraordinario talento poetico, cuja vida acaba de extinguir-se no momento em que elle estava na pujança de toda a sua virilidade e em pleno fulgor da sua intelligencia.

Simões Dias estudou preparatorios no lyceu de Coimbra; entrou depois para o Seminario onde concluiu o seu curso de theologia. Em outubro de 1863 matriculou-se na Universidade e formou-se em 1868.

Não nasceu porém em 1844 mas em 30 de março de 1851 (faz depois d'amanhã 48 annos).

Morreu cedo o malogrado moço, e se ha casos em que uma lagrima é o dom mais precioso que se póde offertar á memoria d'um amigo eu lh'a envio...

Além dos jornaes apontados no teu artigo, Simões Dias fundou e dirigiu de camaradagem com o Dr. Barbosa de Magalhães o *Correio da Tarde*, jornal que succedeu ao *Globo*. O *Correio da Tarde* porém durou pouco e foi d'ali que Simões Dias passou a redigir o *Tempo*. Ao sr. visconde de Sanches de Frias de certo não escaparão estas cousas.

Acceita um abraço d'este teu verdadeiro amigo e obrigado collega

28-3-99. *A. X. da Silva Pereira.*

OS FORASTEIROS NA RUSSIA

POR

POULTNEY BIGELOW

(Continuado do n.º 728)

— «Não môrro d'amores pela tal Russia» — adduziu Remington, afinal, quando tinhamos já invertido alguns minutos em debater a plausibilidade de procurar o Zerowski no café Tomboff. — «Voltémos para a Allemanha, para a Hungria, para a Turquia, para a Africa, até, se quizéres, comtanto que nos safêmos d'esta...»

Não concluiu a sentença, que a este tempo a porta abria-se mansamente para dar entrada a um homemzinho, todo vestido de prêto, caréca e pisco dos olhos, orçando pelos cincoenta, o qual, com um salamaléque, regougou em mau inglez:

— «Afigurou-se-me que ouvi dizer: «Entre.»

Não disséramos «entre» nem coisa que se parecêsse, não discutimos porém semelhante ponto.

— Os senhores chegáram agora mesmo... vêm de Berlim? perguntou.

— Não senhor; vimos da América, replicou Remington.

— Mas onde foi que paráram antes de chegar a Varsovia?

— «Nos pontos em que parou o comboio,» — respondeu Remington.

— Fartou-se o homemzinho de inquirir qual fosse o nosso destino, se tinhamos amigos em Varsovia, o tempo que tencionavamos demorárnos, e em conclusão, offereceu-se para nos servir de guia, de philosopho e de amigo, a pretexto de ter *perdido o coração* na América. Esquivámonos ás suas perguntas, dando-lhe a entender que dispensavamos muito bem o seu auxilio, pregámos com elle pela porta fóra, e finalmente, fômos dar o nosso giro e arribámos ao café Tomboff.

Bem o dizia o chimico; o espião ia-nos na tréla. Mal nos sentámos a uma méza do café Tombof, eis que entra o homemzinho pisco e abanca a um canto da cása, e trava conversa animáda com um sujeito que ali estava a saborear o seu café. O assumpto obvio da paléstra éra as nossas pessoas, a julgar pelo modo como trabalhavam os olhinhos d'este segundo individuo, em direcção á nossa mêza. O homemsinho pisco, d'ali a instantes, sumiu-se, e o outro, mais novo, ficou de atalaia a nós ambos.

Decorridos cinco minutos, contados pelo relojo, desde o nosso ingresso no café, appareceu o Zerowski. Deteve-se um instante no limiar da porta, com ares de homem indeciso, entre vadiár um bocádo e ir tratar da sua vida. Olhou para nós de relance, em seguida para o espião, e depois varreu com a vista, indifferente, todo o recinto do café. Finalmente, assumindo áres de

DESCIMENTO DA CRUZ
Quadro de Paulo Rubens, existento na Cathedral de Anvers

quem está muito aborrecido, deu a sua volta por entre as mêzas, passou pela nossa sem olhar para mim, seguiu muito de seu vagar até ao fundo do estabelecimento, mostrou-se assaz contrariado por não encontrar mêza devoluta, virou de rumo em direcção ao nosso posto, pediu licença com extrema cortezia para se sentar ao pé de nós, occupou o seu lugar como se nos fosse absolutamente desconhecido, offereceu um cigarro ao Remington, e curvando-se para cumprimentar o meu companheiro, segredou-me ao ouvido:

— Faça de conta que nunca me viu; além, á terceira mêza, está um agente do serviço secréto.

É o nosso Zerowski um d'esses muitos patriotas da Polonia, que permanecem no proprio paiz, prêzos pelas vastas propriedades territoriaes de que não podem dispôr, curiosos em vêr o dia que ponha têrmo a tão barbaro regime qual é o presente. Circumstancia aliás commum entre os polacos com uma educação liberal, serviu durante o prázo legál na cidadella de Varsóvia, e está lançado na lista dos «suspeitos,» que, ao primeiro rumôr de revolução na Polonia, serão infallivelmente prêzos e deportados.

— Que há de nôvo, perguntei.

— Não me interrógue, retorquiu; lembro-lhe que estamos na Russia, na circumscripção militar do Vistula. «Então, abaixando o tom da vôz, proferiu, em francez: «Vae haver outra excursão á Sibéria, e não hade tardar muito — que d'esta vez será numerósa — estudantes cá da universidade — demóre-se, que val a pêna ver — é negocio para d'aqui a setenta dias, pelos meus calculos.»

O Remington, cuja faculdade perceptiva muito se aguçára a combinar tintas em meio das cubátas dos Cheyennes e dos Apáches, mandou-me, n'estas alturas, um canelão por debaixo da toálha, e observou, com emphase, que não saboreáva mesmo nada a visinhança do tal miróne-policial, o qual, n'este comenos, arrastára já a cadeira para outra mêza mais proxima.

— Vou d'aqui direito ao theatro, adduziu o Zerowski; tomo três lugares a seguir; envio-lhes dois bilhetes por homem seguro, ao hotel; d'aqui a uma hora lá os têm; entrementes vão dar o seu giro pela cidade, e para desviar suspeitas, tratem de dizer ao guarda portão o destino que lévam.»

Havia enchente no theatro; como, porém, nem eu nem o Remington incluissemos entre as nossas varias prendas adquiridas o idioma polaco, não podêmos fazer a devida justiça ao valôr da representação.

O Zerowski não faltou, mas tomou lugar a certa distancia dos nossos, a despeito de se achar vága a cadeira immediata á minha. Concluido o primeiro acto encontrámo-nos no jardim annexo ao theatro, e as suas primeiras palavras fôram:

— Graças a Deus que abalou o patife! Viu que tomei lugar affastado dos senhores e conclue que, por esta noite, nada póde sacár das nóssas pessoas. Foi escrever o relatorio ou qualquer taréfa porca do mesmo jaez.

— Mas o tal caso da universidade? perguntei.

— Não appareceu a tal respeito uma linha, só que seja, nem pode apparecer em nenhum jornal russo; o censôr não deixaria aliás escapar uma unica palavra com referencia a semelhante assumpto. Tenho um «discréto» amigo na faculdade de Varsovia, alguma coisa me contou, porém, se chegasse aos ouvidos da policia que me tinha dito uma palavra a tal respeito, isso para elle representaria desde logo a demissão, ou ainda peior.

«É mister que saiba» proseguiu Zalinski, «que o governo do Tzar empenha-se em destruir radicalmente toda e qualquer manifestação de vitalidade, que não rebente do sólo amanhádo pelo padre e pelo policia russo. Esse tenue verniz de civilisação que observa na Russia é devido á Polonia em primeiro lugar, e, nos tempos modernos, á Allemanha. Sou polaco. A minha familia já disfructava as vantagens da civilisação europeia, centos e centos de annos antes de ter brotado a Russia lá do seio d'essas incommensuraveis charnécas, povoadas apenas por cossácos ladravázes. O russo odeia-nos por que nos é intellectualmente inferior, e porque nos dedignamos descer ao seu nivel sóez. Conquistou-nos; submetteu-nos ao azorrágue; raspou no seu máppa o nome de Polonia. Meus filhos não se atrevem a falar o materno idióma, minha esposa não ousa tomar uma governante sua compatricia; os meus proprios creados andam submettidos á escolha da policia russa. O Tzar scindiu a Polonia de todo e qualquer intercurso com a Europa, forçando-a, para não morrer de fôme, a apanhar as migalhas cahidas da sua meza. O polaco nem já póde obter educação decente no proprio paiz; a policia russa fiscalisa nossas escolas, assim como os nossos jornaes, e o seu fito é que na Polonia apênas os russos orthodóxos exerçam cargos e profissões.

«A gente ingleza ou americana não póde sequer entender o que taes factos significam, pois que á primeira vista poderão parecer pêso leve. Observe-os porém do ponto de vista polaco. O senhor é muito novo, supponhamos; deseja seguir uma carreira — engenheiro, medico, jurisconsulto, architecto, — ou outra qualquer coisa. É submettido pelo governo a uma série de exames, se quer ganhar a sua vida. Os seus examinadores são russos, e tem como instrucções o favorecer a todos «os orthodoxos» e o semear de obstaculos o caminho aos polacos. Façamos de conta que conseguiu transpor esses obstaculos, prelimináres, e que obteve o permisso official, reconhece desde logo que tudo póde alcançar, dado o caso de que pertença á egreja grega, e coisa pouca ou nenhuma se não pertence a ella. Na Russia, a ingerencia do governo penétra as subdivisões todas da humana actividade — a carreira militar, a medicina, a jurisprudencia, a administração, a telegraphia, os caminhos de ferro, a engenharia. Ninguem pode pôr o dedo em coisa que não dependa em magna proporção do favôr official.

Como resultado final, a cada passo dádo em qualquer carreira, seja ella qual fôr, o pretendente vê-se desalentado a todo o instante pela convicção de que jámais logrará obter emprêgo, a não ser junto d'esses poucos que levam a audacia a ponto de empregar alguem a despeito da nacionalidade respectiva, esse grande contra. O polaco la váe, conforme pode, ganhando a sua vida, só o consegue porém, tornando-se prestavel a

O CALVARIO

Esboço de Domingos Antonio Sequeira, existente no Museu de Bellas Artes de Lisboa

qualquer entidade official russa, na qual a influencia exceda em muito os dótes intellectuaes. Dias antes do senhor ter chegado, os estudantes polácos da Universidade de Varsovia haviam soffrido do reitor da Faculdade, russo, como deve suppor, ultraje gravissimo.—Que, falando com exactidão, os ultrajes foram muitos, e tanto que vieram a provocar explosão dos animos. Os russos, do primeiro até o ultimo, inclusivé os de provada estupidez, alcançavam os seus diplomas de admissão; e entretanto, os polácos, cuja superior capacidade era mais que notoria, viam-se qua-i todos rejeitados. Acto tão manifesto quanto vergonhoso de má fé politica produziu em Varsovia como que geral conflagração, e um bello dia os estudantes perdêram de todo a trasmontana e administraram aos três membros mais obnoxios da respectiva faculdade uma lição que deu brado—apedrejaram-nos.—Casos d'estes estou que nem por sonhos poderiam dar se na América.»

Affirmação á qual me vi compellido a responder, que, «á sombra dos frondosos alamos da nossa vetusta e querida Universidade de Yale, me constava terem por vezes os estudantes partido as vidraças a um que outro professor *demasiado* impopular.

—Bismarck tinha por costume o affirmar que, tal qual os irlandezes, os polácos soffriam de rebellião chronica. E não é verdade. Não existe entre as duas nações a minima paridade. A Inglaterra está dispensando á Irlanda o melhor governo que esse desditoso paiz apanhou até hoje; a Russia impõe á Polónia o peior governo que concebêr se póssa—ainda peior do que esse que impõe aos seus proprios subditos orthodoxos. A Inglaterra tracta de erguer os irlandezes a um nivel mais elevado; a Russia arrasta-nos a um tremedal de lama.

—Que destino intenta dar a policia aos taes estudantes polácos desordeiros?—perguntei.

—Fale mais baixo, por quem é—atalhou Zerowski, olhando receôso em de redor. «Os espiões não descansam. Os rapazes andam vigiádos.—O rastilho vae os envolvendo pouco a pouco e pela caláda. Embargam-lhes a correspondencia. Trazem-nos embaládos em falso sentimento de segurança. Não tardará muito, d'aqui a tres mêzes, quem sabe, operar-se-ha uma rusga, e depois... é mais uma léva de gente para a Sibéria...

Em um entreacto topámos por acaso o professor *X*, o membro polaco da faculdade, a quem fômos apresentados por Zerowski.

—Pergunte-lhe pelo motim da Universidade—segredou-me o meu amigo.

Assim fiz, e o professor *X*, com emphase ostentoso, respondeu:

—O motim universitario! O senhor, naturalmente, refére-se a outra qualquer universidade! Na Universidade de Varsovia jámais houve motim, nem coisa que se pareça! Boa noite.

E o Zerowski sorriu com tristeza ao vêr o vulto do professor desapparecer por entre a multidão.

—Alli vae—disse—um producto do regime russo—o mentiroso por necessidade. E foi aquelle homem que me contou a historia por inteiro. Apresentei-lh'o com o fim unico de lhe propor cionar uma *liçãosinha de coisas*.

Mais tarde, quando nos despedimos, disse-me Zerowski: Deve compreender as razões que me levam a abster-me de ir á estação assistir ao seu bóta-fora. Os senhores andam vigiados, e não darão um passo na Russia sem um policia agarrado aos calcanháres.

(Continua) *Pin-Sél*

O ULTIMO REQUIEM

PHANTASIA LYRICA

—

(Concluido do numero antecedente)

III

A casa fôra-se esvasiando lentamente, mas os logares dos que desappareciam iam sendo occupados por outros individuos, cujo aspecto e physionomia contrastava singularmente com os primeiros. Eram honrados burguezes, amadores de musica, que iam ali, attrahidos pelos dois artistas, e vencendo a natural repugnancia em transpôr o limiar d'aquella casa.

Cesario percorria com o olhar alto e dominador o pequeno recinto, fitando um ou outro, como reconhecendo-os pelos ter visto noutros logares. Esse olhar unico tomava, ás vezes, uma expressão ineffavel; illuminava-o uma luz superior, que parecia levantal-o, alheal-o da terra! As suas feições contrahidas, os seus olhos parados, na sua immobilidade absoluta davam-lhe o aspecto d'um Satan scismador, lembrando-se do paraizo! ..

Era um singular problema, um mysterio, este presente confrontado com o passado. Um vivido na plena luz deslumbrante dos regios saraus, nas grandes assembléas patricias, cercado das galas da opulencia, dos encantos da mocidade e da formosura, applaudido com enthusiasmo, adorado como um deus:—o outro refugindo d'isto tudo, e buscando, como um criminoso, occultar-se nas trevas! Como viera elle parar ali? Anjo caído, quem o havia precipitado das alturas?! Interrogal-o?... De que me serviria?.. Seria doloroso para elle, e inutil para mim. Destinos!...

Deante d'elle, na mesa, succediam-se os *grogs*, e no chão, em volta, acumulavam-se as pontas dos cigarros, que elle fumava sem interrupção, apertando-os nos dedos magros e nervosos. Ao contemplal-o, acudiu-me á memoria um nome illustre e glorioso—outro bohemio de genio, poeta extraordinario e famoso, que, não longe d'aquelle logar, nos começos do seculo, rodeado dos amigos e dos admiradores, que o seguiam, a todos deslumbrava com a assombrosa caudal da sua torrentosa inspiração! Um grande poeta e um grande infeliz! Sim, era a dois passos d'ali, no Rocio, que o grande Elmano, o famoso improvisador, como um prodigo sublime, espalhava a plenas mãos as mais raras joias do seu escrínio!

A figura do poeta, evocada pela minha phantasia, esvaíu-se quando umas arcadas, d'envolta com uns *pizzicatos*, formando um conjuncto de phrases musicaes d'um desenho original, me chamaram ao momento presente. Cesario principiara a contar uma historia profundamente dramatica, e ia-a acompanhando e illustrando com o seu arco! Parecera-nos ao principio que elle o fazia machinalmente, mas em breve percebemos que o acompanhamento era intencional: a prodigiosa inspiração do artista fazia transparecer nitidamente na musica os lances variados da narrativa! Um poema musical, improvisado alli, um primor, que executado noutras condições, perante um grande auditorio, faria a reputação d'um compositor!

Ao findar, no *smorzar* dos applausos, a um canto, um sujeito de oculos d'oiro disse para o que lhe ficava ao lado:

—E' extraordinario, é assombroso! Já lhe ouviu os *Peccados mortaes*?

—Os *Peccados mortaes*?!—repetiu o outro, interrogando em tom mais alto.

—Sim—os *Peccados mortaes*. Uma composição d'elle—confirmou o dos oculos d'oiro.

Todos ouviram o breve dialogo:—elle tambem o ouviu. Estabeleceu-se logo essa especie de corrente sympathica, que faz que a gente perceba o que os outros sentem, o que elles querem no intimo, sem que o digam.

Os *Peccados mortaes*! Aquellas palavras, aquelle titulo, deram rebate á curiosidade, estimulando em nós o desêjo, a ancia, que temos pelas coisas desconhecidas.

—Os *Peccados mortaes*! Ah, sim—disse elle. —Um thema inexgotavel—muitos themas—todo o teclado da paixão, da vida do homem .. E, com um sorriso estranho, continuou:—Ella era formosa, os cabellos crespos, côr de oiro, e dezoito annos...—Annos não, primaveras—os annos começam mais tarde—e provocadora!... Meu Deus! Um encanto, uma perdição! Elle era novo tambem, e viu-a... Como elle a viu não digo eu...

E nesta altura o violoncello, que tivera já umas arcadas quentes, fulvas como ella, disse *soto voce*, em surdina, como elle a vira... Todos entenderam. Depois aquelle arco prodigioso contou-nos tudo—a declaração, o ardor da paixão em lucta com o pudor, finalmente o triumpho, o suspirar do amor vencido, e o hymno triumphal do vencedor! E Cesario percorreu toda a escala dos affectos, evocou com o arco magico todos os sentimentos que moram na nossa alma, e por vezes, apontando com um gesto rapido alguma das menos expressivas physionomias que o rodeavam, mostrava-a d'ahi a momentos transfigurada! A divina melodia acordara-lhe lá no intimo a paixão adormecida, que agora lhe illuminava o rosto com o clarão interior! Elle sorria então, contemplando satisfeito a sua obra.

*
* *

Era já alta noite: as horas tinham-nos corrido rapidas. As portas fecharam-se, mas nós ficámos—nós e alguns dos iniciados naquelles mysterios da harmonia. Então conversámos. Uma conversa um pouco doida—assumptos varios, sem ligação apparente, mas girando sobre um thema d'arte. Notámos isso, falando no poder da suggestão, e elle, voltando-se para nós, disse:

—A suggestão, um phenomeno extraordinario... Ha a suggestão dos olhos, a suggestão dos aromas, a dos sons, a da musica... Ora oiça. E tocou.

—O que lhes lembra isto?—perguntou elle, descançando o arco sobre o violoncello.

—Oh! felizes tempos, que já lá vão. Quando eu era rapazinho... respondi eu.

—Conhece então esta musica—observou Cesario.

—Não, não conheço, nunca a ouvi, nem então, nem depois...

Effectivamente era nova para mim; mas no frescor e singeleza da phrase, no saltitante das notas, ora estridulas, ora abafadas, na confusão ruidosa do conjuncto, havia um tal poder de evocação, que me trazia á memoria redivivos os brinquedos, os jogos infantis, as ingenuas alegrias da mocidade!

—E agora? perguntou elle, encetando outro trêcho.

—Agora.. Dava na minha alma os seus primeiros rebates o amor, e a primavera que desabrochava as flores do meu jardim, vi-a eu tambem nos olhos de certa menina, que me sorriam...

—E' isso, é—disse-me elle. E' essa época da nossa vida, que eu lhe quiz suggerir. O amor dos quinze annos, que não é já o dos vinte. Um que não volta. Não, não volta—repetiu elle com uma expressão de profunda tristeza. Novos e velhos vemos desfilar deante de nós as estações do anno e as épocas da vida, e repetimos os nomes—Só os nomes...

—O *punch*! gritou o pianista—salta o *punch*!

E d'ahi a pouco a luz azulada, phosphorecente do alcool, dardejando as suas linguas d'oiro e azul, dava á loja um aspecto phantastico. Um scenario para elles!

Effeito da suggestão local um de nós principiou a cantarolar, entre dentes, um trecho da opera de Gounod. Como que accordado por essa musica, o violoncello foi-a acompanhando, mas não tardou que o motivo não fosse envolvido, e como que emoldurado em variações, caprichos da phantasia, que Cesario ornava de outras, tomando por thema as primeiras! Era um pasmo! E ao mesmo tempo uma impressão dolorosa se apoderava de nós, pensando que tudo aquillo eram joias perdidas, irremediavelmente perdidas, para elle, para nós, e para todos, porque nem se podiam reter na memoria, nem elle se lembraria nunca mais do que acabava de tocar!

—Conheço muito bem o Fausto—disse-lhe eu—todos nós o conhecemos, mas o que nunca ouvimos foram essas phantasias, com que o seu admiravel talento acaba de illustrar o famoso poema de Goëthe. Porque não as escreve?

—Não vale a pena. Se fosse a escrever tudo o que toco!... Hei de me entender com o Edison—disse elle, sorrindo.

—Mas não tem nada escripto?

—Tenho só uma coisa—a ballada do rei de Thule. Ah! e tambem um *Requiem*, o meu *Requiem*.

> Il était un roi de Thulé,
> A qui son amante fidèle
> ....

e ia eu completar esta quadra da celebre traducção de Gérard de Nerval, que elle fez aos dezenove annos, e de que Goëthe gostava tanto, quando Cesario a completou, e, pondo na mesa o copo, pegou no arco.

Nas mãos d'aquelle homem o violoncello falava—tinha vida, tinha luz, tinha côr! A musica seguia a poesia, por assim dizer, passo a passo, verso a verso, e nós assistimos aos ultimos momentos do rei, e vimos cair no mar a taça d'oiro cinzelada, tornear sobre si, e desapparecer!...

As ultimas phrases eram d'uma melancolia mortal, como devia ser a do velho rei, ao despedir-se para sempre da joia, que a sua amante lhe legara!

—É a minha ballada do rei de Thule—disse Cesario, finalisando com um trémolo, que acabou como um suspiro. Poucas vezes a toco. Contende-me com os nervos. Estou assim!

Encarei-o. Uma lagrima brilhava, a sumir-se, como que a esconder-se, furtiva e envergonhada, nos seus olhos, já encovados, mas fixos e brilhantes.

—O *Requiem* fica para outra vez... E adeus, meus amigos.

Foram as ultimas palavras, que lhe ouvi. Rompia a manhã. Uma manhã ennevoada e fria. Co-

meçava a faina tumultuosa do dia, no grande mercado proximo. Cesario levantou o capuz do gabão, e mettendo-se por entre a multidão desappareceu.

IV

Nunca mais o tornei a ver. Ha tempos, pegando em um jornal, li a noticia da morte do grande e infeliz artista. Fiquei triste. Impressionou-me tanto como se fosse um parente, um dos meus, um amigo intimo .. No firmamento da Arte apagara-se uma das estrellas de maior brilho, e ellas são tão raras!

E eu não lhe ouvira o *Requiem*... A alma humana é assim: nos grandes prazeres e nas grandes dôres ha sempre a mescla do egoismo. A minha pena sentia a n'aquelle momento aggravada com o pesar de não lhe ter ouvido essa composição famosa — o seu ultimo adeus á vida!

Vida mysteriosa, enigmatica, cortada tão cedo! Fim obscuro d'um dia, que o sol da gloria no seu zenith illuminara de subito com todos os seus esplendores, para tambem de repente os apagar!

Haverá prazer em renovar certas dôres, em rasgar de novo uma ferida, que já nos dilacerou a alma? Não sei, mas eu voltei áquelle logar, onde não esperava de certo ver o grande artista, que tanto me impressionara. .

Elle não, mas o seu companheiro, o seu irmão d'arte lá estava. Tocava, quando entrei, os ultimos accordes da *Valsa* de Weber, o ultimo pensamento musical do celebre *maestro* allemão! Weber ali!

O pianista, quando me viu, levantou-se, e veiu direito a mim. Abraçámo nos, como se a mesma desgraça nos tivesse ferido!

—Nunca mais o viu, não? —perguntou-me elle.

— Não, depois d'aquella noite do Natal nunca mais o tornei a ver.

— Ultimamente — continuou elle — viviamos juntos. Nenhum de nós tinha familia: reunimos as nossas tristezas. De mim sei eu, d'elle não posso dizer-lhe o que originou o isolamento, a que nos ultimos tempos se votou. Elle sempre foi excentrico. Ha legados de sangue, heranças terriveis, que se transmittem fatalmente. Seria elle uma d'essas victimas, condemnadas desde o nascer? Ia-se-lhe, de dia para dia exacerbando o temperamento nervoso; parecia-me, ás vezes, allucinado! Passava os dias n'uma especie de somnambulismo, e depois accordava, e falava... Se eu o interrompia, não me respondia, e seguia no monologo, cujo assumpto era quasi sempre a arte. Para o fim, soltava phrases desconnexas, e então, chegado a esse ponto, se eu estava ao pé d'elle, dizia-me, batendo na testa:

— Estive a dizer asneiras, não faças caso.

E pegava no violoncello, e d'ahi por deante era aquelle mesmo homem, que aqui ouvimos! Que tristeza!

Um dia — o dia fatal — não me quiz acompanhar, e ficou em casa. Não sei porque presentimento preoccupou-me aquella negativa, e saí d'aqui muito mais cedo. Não estava socegado. Quando cheguei a casa... Nunca esquecerei o que vi então, nem poderei dizer-lhe o que senti, ao ouvir umas gargalhadas desentoadas e agudas, como as d'um doido, cortando as harmonias d'uma musica plangente, arrebatadora, sublime!... Era o *Requiem!* Desvairado corri ao quarto d'elle, e estaquei.. Não, a imaginação mais phantasiosa e exaltada não poderia inventar a scena, que se me deparou! Tão extranha, tão selvagem ella era!

Em pé, no meio do quarto, e voltado para a janella, que dava para o saguão, estava o Cesario, encostado a um banco alto — posição sua predilecta, quando tocava. Em frente d'elle balouçava, como um pendulo, um vulto negro, que a principio não distingui bem... Era o *Ralph!* O animal querido d'elle, um *angora*, a que andavam ligadas recordações saudosas de antigos amores!... Enforcara-o, e acompanhava-lhe os arrancos da morte com o *Requiem!* Era horrivel!

Cesario não deu por mim, e continuou. Eu fiquei como petrificado! Elle, quando o movimento ia abrandando, impellia o sinistro pendulo com o pé, acompanhando as reviravoltas do animal morto com as taes risadas, que eu ouvira, quando entrara! No meio d'esta scena, verdadeiramente satanica, o artista era o mesmo — inspirado e irreprehensivel na execução!

O extraordinario do espectaculo, e a influencia d'aquella musica, tiraram-me quasi a consciencia de mim proprio; eu estava ali immovel, como um somnambulo, que obedecesse á vontade dominadora e absoluta do magnetisador! Via e ouvia, mas não me lembrava de dar um passo, fazer um movimento, pronunciar uma palavra!... De repente a phrase ficou em meio, o arco escapou-lhe da mão, e elle caiu de burços, sobre o violoncello ..

Corri a levantal-o. Estava morto, fulminado pelo *delirium tre-mens!*

13 de dezembro—1893.

Zacharias d'Aça.

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA ***

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

LIVRO II

VIII

PARA BAIXO

Eu que encontrára um grande amor, profundo, misterioso, imprevisto, — ousarei confessal-o...? — fui tão insensato que não percebi que tinha nas mãos uma ventura inesperavel. Sempre recahia na antiga inercia. Não se passava semana que eu não fizesse, tolamente, de D. João com qualquer d'essas mulheres da moda, que havia conhecido antes da minha viagem.

Será a traição uma veloptuosidade? Emquanto Violante esperava por mim, com o sorriso nos labios, até alta noite, ás vezes até de madrugada, eu, com o pretexto de ficar jogando no club, estava com esta ou com aquella, deitando o dinheiro pelas janellas fóra, bebado com as minhas loucuras. Quando voltava a casa, jurando a mim mesmo nunca mais disseminar o coração, dizia-me Violante com a sua voz d'oiro:

— Ganhaste?

— Respondia-lhe:

— Perdi.

Perdia sempre, com effeito. Até sem contar os dias em que realmente havia perdido ao jogo.

E como ella sabia consolar-me das minhas perdas! Não se zangava nunca. Dava-me os cabellos seus, dizendo-me:

— Esquece.

E logo que eu respirava aquellas admiraveis madeixas d'oiro, recuperava com effeito toda a minha riqueza.

Eram preguiçosas as manhãs, mas um encanto. Acordava-me Violante com suas canções. Almoçavamos alegremente; mas, fumado o ultimo cigarro, o sonho desvanecia-se para mim, se não para ella. Não podia dominar a minha paixão de mal-fazer; pois que era uma paixão. Parecia-me encontrar não sei que amarga voluptuosidade em rasgar por minhas mãos a pagina da ventura.

Tanto mais depressa a rasguei, quanto depressa vi erguer-se a ruina ante os meus olhos. Não só gastava muito dinheiro com Violante, mas com muitas outras o gastava. Entrei fatalmente na serie dos agentes de negocios. Para todo o que dá cabo do capital antes dos rendimentos é a serie má. Os tabelliães, procuradores, officiaes de diligencia, agiotas a poucos dias de praso, são os gatos pingados da riqueza. Depressa a minha estaria nas ultimas.

Foi então que me veio o bello pensamento que desperta no coração dos ociosos, quando com a fortuna perderam metade da honra. «Violante é linda, porque não escolherá ella um amante sem me deixar de todo, um principe estrangeiro, um homem da Bolsa?» Lembrei-me d'um rapaz inglez que revolvia milhões e que logo lhe offereceu meio milhão como primeira parada. Decerto, eu não pensava em viver com o dinheiro dos outros, mas não se me dava de viver com as migalhas do amor d'um outro!

Aqui teem onde todos cahimos. É o mal do seculo, o mal de todos os seculos. Todos os de boa fé hão de confessar que não se lhes deu sentarem-se, sem córar ao festim da cortezã.

Um dia atrevi-me a confiar esta bella idéa a Violante.

— É odioso, exclamou ella. Nem me conheces, nem eu te conhecia!

Chorou copiosamente. Consolei-a, embora pensando que ella acabaria como todas, pois eu tinha a pretensão de conhecer bem a mulher e as mulheres.

IX

A JANELLA

Muito indignada, dirigiu-se gravemente para a janella e abriu-a.

Eu estava n'uma d'essas horas de scepticismo em que o homem não acredita em Deus, nem nos homens, nem muito menos, nas mulheres. Vivia no mundo da «troça» em que as paixões são bestialidades, os sacrificios calculos. os desesperos ameaças. Vi pois sem commover-me Violante abrindo a janella. Esquecera-me dos nossos juramentos de Veneza. Já não vivia n'aquella bella atmosphera dos amores eternos; n'uma palavra já não valia dois soldos.

Lembra-me que fiz menção de accender um cigarro; mas não o fumei, juro-o, porque Violante, mal chegou á janella, deitou-se d'ella abaixo.

De subito o sceptico desappareceu, ao acordar do amante desesperado. Corri á janella, disposto a tudo, a atirar-me tambem.

Lembrem-se que estavamos no segundo andar da casa de Violante.

Não apanhei mais que o susto.

As saias muito amplas de Violante tinham-se prendido ás grades, quando queria galgar a varanda; já as estava soltando, quando cheguei a tempo de segural-a. A cabeça já lá ia.

A pobre rapariga magoou todo um lado no rebordo da varanda. Trouxe-a nos meus braços, como a soldado ferido no campo de batalha. — Campo de batalha da vida.

Accommetteu a uma febre terrivel, que a pôz ás portas da morte; delirando, queria constantemente precipitar-se da janella. Por mais que eu confessasse a minha culpa e lhe jurasse que a adorava como sempre, ella é que já perdêra a crença na minha paixão. Finalmente voltou a si; mas não menos de seis semanas precisou para poder levantar-se. Nunca mais voltou ao antigo brilho, ferida pela melancholia. Poz-se a pensar em Veneza, não talvez com pena, mas com uma saudade profunda.

— Ah! *mio caro*, ali é que deviamos ter vivido, dizia-me ella muita vez.

Sim, ali deveriamos ter vivido, ou antes, como já lhes disse, não virmos a Paris senão casados. Ella seria a condessa de Hauteroche, não só das primeiras senhoras de Paris, mas uma das mais virtuosas e leaes, que se hajam sentado junto ao lar conjugal.

Em vez d'isso, viviamos com todos os irregulares, n'essa sociedade que não é talvez um inferno, mas que, decerto não é o céo. É o purgatorio dos homens e das mulheres penadas. Conhecem-o tão bem como eu. Por mais que um homem acate a mulher que leva pelo braço, bem sabe que mais ninguem a acata em volta d'elle. Se elle quizer ser meticuloso no que respeita á honra d'essa mulher, vinte vezes por dia terá que levar a mão ao punho da espada. A ultima das adulteras ao lado do marido olha para a vossa amante do alto de toda a sua virtude. Só uma ou outra vez entrará na sociedade pela porta dos envergonhados. Eis porque só no casamento ha salvação. Ora eu já não podia casar com Violante.

Para Paris inteiro era ella a minha amante e eu não sou dos que casam com as amantes.

Se o dinheiro não me houvesse faltado, continuaria n'aquella vida, dia a dia, sem grandes preoccupações, pois o dinheiro é o melhor dos companheiros de viajem; mas a ruina era comigo, chamando-me á ordem. Por mim e pelos meus comecei a envergonhar-me d'aquella ociosidade, direi mais, d'aquella felicidade que me levára á ultima estação os bens de fortuna. Que deveria eu fazer, com tão poucos recursos e na impossibilidade de gastar mais de cem mil francos por anno, continuando a viver com Violante? E como deixar de viver com ella?

Pareceu-me que ella se ia resignando á idéa de não viver comigo eternamente.

— Vamos, vamos, dizia comigo, será como as outras.

Resolvi não tornar a dar-lhe concelhos, mas decidi tambem procurar a salvação casando-me. Em Paris, um homem que não esconde a amante, corre o risco de não achar mulher; mas um que o seja de todas as mulheres conserva todas as probabilidades do casamento.

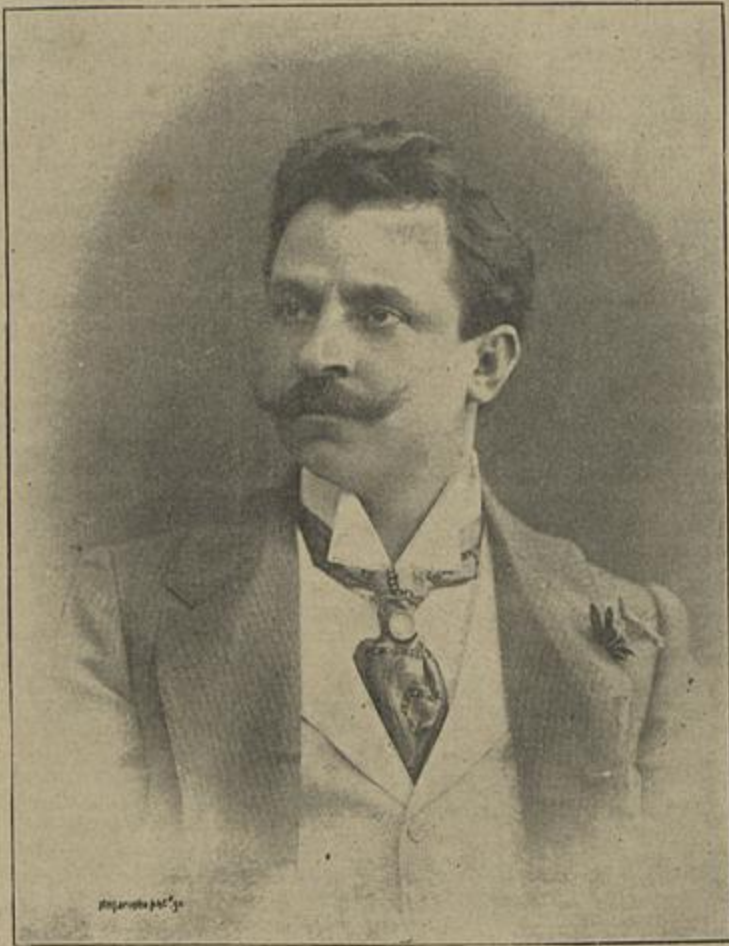
Uma rival é mais de temer para uma noiva que as mulheres de Paris todas juntas.

Foi por isso, que mais que nunca reinscrevi o meu nome nas carteiras d'essas senhoras, mostrando-me ás claras com a primeira que se me deparava. Ha gente que suppõe não andar na moda, se não frequentar a sociedade das taes meninas.

Violante era muito preguiçosa. Metade das vezes, ou mais, quando a carruagem chegava para leval-a ao bosque, preferia deixar-se ficar no quarto com um romance entre as mãos.

Vivia-lhe a alma mais do que o corpo.

Era formosa demais para querer reinar pela formosura. Desdenhava mostrar-se aos curiosos dos Campos Elyseos ou do lago.

REAL THEATRO DE S. CARLOS

O TENOR FERDINAND DE LUCIA

Tinha eu vagar para dar o meu passeio sósinho, durante essas meditações romanescas.

Não levou muito tempo que lhe não chegassem aos ouvidos novas das minhas loucuras. Por mais que lhe eu dissesse que ia para o club, a criada contára-lhe tudo.

— Já não gosta de mim, disse ella um dia beijando a madonasinha que trazia ao pescoço.

Desatou a chorar; mas, quando á noite voltei, mostrou-me um lindo sorriso, para esconder-me sua dôr.

X

O REVERSO DA VENTURA

Violante soffreu todos os tormentos. Esse milhafre a que chamam ciume veio a cada hora do dia e da noite nutrir-se-lhe do coração. Padeceu todos os dolorosos apertos do amor trahido. Só os que amam conhecem as angustias da paixão: amar ainda e não ser amada! amar ainda e ver uma rival feliz! esperar um olhar do que nos trahiu e só soffrer um desdem!

A pobre Violante, em sua altivez, devorava a dôr, mas a altivez depressa se desfazia em lagrimas. Quizera lançar-se-me aos pés, implorando-me cobardemente um sorriso, de adeus que fosse ou fosse de piedade. Toda a vida estava em sua alma, toda sua alma em seu amor.

Nem sequer cuidava já da belleza. Desdenhava, como de thesoiros inuteis, dos lindos cabellos de oiro, dos grandes olhos da côr do Adriatico, do adoravel perfil que pasmava o olhar dos artistas, da expressão tão feminina e penetrante que atrahia os olhos dos apaixonados, de tanta maravilha de formosura que Paris inteiro, cheio de paixão, houvera disputado. O ser tão bella chegava a irrital-a, pois que se via abandonada, quando tantos rostos mediocres inspiravam paixões eternas.

Eram tanto mais furiosos os seus ciumes quanto as mulheres sem nome com quem me via eram indignas de lhe atar as fitas do sapato. Lembram-se das mulheres que estavam em moda antes do 4 de setembro; ainda são as mesmas; não são maravilhas de formosura; o acaso foi quem as tornou celebres; gostam esses d'ellas, porque outros já gostaram; é moda, não é gosto. Violante, a minha pobre amante, consummia-se; mas, ai de mim e d'ella! comparava-a eu a todas essas criaturas que vivem por amor do amor e para o amor! Cuidei que fosse apenas a vaidade o que a feria no meu abandono; e de suas lagrimas a minha vaidade se nutria.

Não desgostava de ouvir dizer em volta de mim: «Pobre Violante! O desgosto que ella tem em se ver abandonada por Hauteroche!» Ai, miseria humana! isto eleva a posição de um homem, quando para este não haja melhor meio de elevar-se!

De resto, andava eu convencido de que, ao fim de certo tempo, encontraria a minha Veneziana, de carruagem a quatro, em gastos d'outra paixão, e troçando-me se por acaso eu lhe fosse poeticamente rememorar o passado. O pateta d'um philosopho disse: «Todas as mulheres são uma.» E' como se dissesse: «Todas teem a mesma cara.» A humanidade na variedade contem o infinito. Violante tinha o seu caracter d'ella, sua virtude, sua paixão, e era isso o que lhe dava um sabor só d'ella. E em quanta mulher eu amara antes de havel-a encontrado, não achara nunca um tão profundo encanto.

Hoje reconheço que ella era uma d'essas criaturas bem dotadas que a gente nunca deve perder, uma vez que as achou. Na Persia diz-se: «Se a mulher do teu coração se te deparar em teu caminho, prende-a n'um cinto de rosas que a ti mesmo te prenda, e nunca mais a deixes, nem que os espinhos te ponham a carne em sangue.» Violante era a mulher do meu coração.

Soffro agora mil mortes, quando me lembro de tantas dôres que ella soffreu, devidas ao meu cobarde abandono. Por toda a parte me seguia, mas sempre escondendo-se, não querendo, em sua altivez, mostrar-me as lagrimas. Não percebia eu então, que, pois me havia sacrificado seu primeiro amor, fôra porque o segundo era a paixão eterna. Via-a pelo mesmo prisma das outras mulheres.

Recebemos e agradecemos:

La Cognata — *Novelle por A. Olivieri Sangiacomo — Carlo Aliprandi, editore — Via Stella, num. 9. Milano — 1898.*

N'uma magnifica edição sahida das officinas cromotypographicas do editore milanez Carlo Aliprandi, a quem pertence a propriedade litteraria d'este romance, recebemos um exemplar de *La Cognata*, que nos foi enviado gentilmente de Verona pelo seu talentoso auctor, o capitão do regimento 54 de infanteria italiana sr. A. Olivieri Sangiacomo, sympathico escriptor já bem conhecido na litteratura romantico-militar de Italia. N'este genero se distinguem muitas obras suas, que lhe grangearam um distincto logar entre os romancistas italianos.

Completando o volume que encerra *La Cognata*, veem ainda insertas outras novellasinhas muito interessantes, e com um sabor critico e espirito de observação muito apreciaveis

Adubos chimicos. — A Companhia União Fabril, de Lisboa, acaba de publicar uma nova tabella de adubos de seu fabrico, da qual recebemos um exemplar.

No intuito de facilitar a acquisição dos seus adubos adoptou aquella companhia tres typos: *os adubos compostos* determinados em relação a cada cultura, e cujo emprego se limita a espalhal-os na terra; *os adubos compostos concentrados* de mais facil transporte, e que nas propriedades pódem ser misturados á terra peneirada, ou a outras substancias pulverulentas e depois espalhados, como os primeiros, e *os adubos elementares* que o lavrador póde misturar nas proporções que desejar, empregando-os em seguida.

Nos *adubos compostos* adoptou cinco composições para cada uma das suas formulas escolhidas em relação ás *terras de areia*, ás *terras de barro*, ás *terras calcareas*, ás *terras de schisto* e ás *terras graniticas*, devendo o lavrador indicar sempre a natureza da terra nas suas encommendas, embora se guie apenas pela quantidade de areia ou de barro que exista nas duas primeiras, pela existencia dos *cardos*, na terceira, indicação esta sempre facil de dar porque toda a gente conhece esta erva, e pelos caracteres especiaes bem conhecidos das duas ultimas.

Diccionario de synonimos *da lingua portugueza — Lisboa — 1899.*

Em supplemento ao *Diccionario Illustrado Portuguez*, que já se acha completo, começou a publicar-se agora o *Diccionario de synonimos*, por Henrique Brunswick, livro muito util para o rigoroso e perfeito conhecimento do nosso idioma.

Zoologia Elementar Agricola — *Empreza Editora F. Pastor. — Lisboa.*

Alcança á caderneta n.º 38 o texto que temos recebido d'esta importante obra de estudo.

Como se sabe, este tratado consta de duas partes: zoologia geral e zoologia especial, segundo os melhores methodos, e é devido á penna proficiente do sr. Paulo de Moraes, nome laureado em trabalhos congeneres.

A edição é muito cuidada e apresentará quando completa mais de 700 gravuras illustrativas.